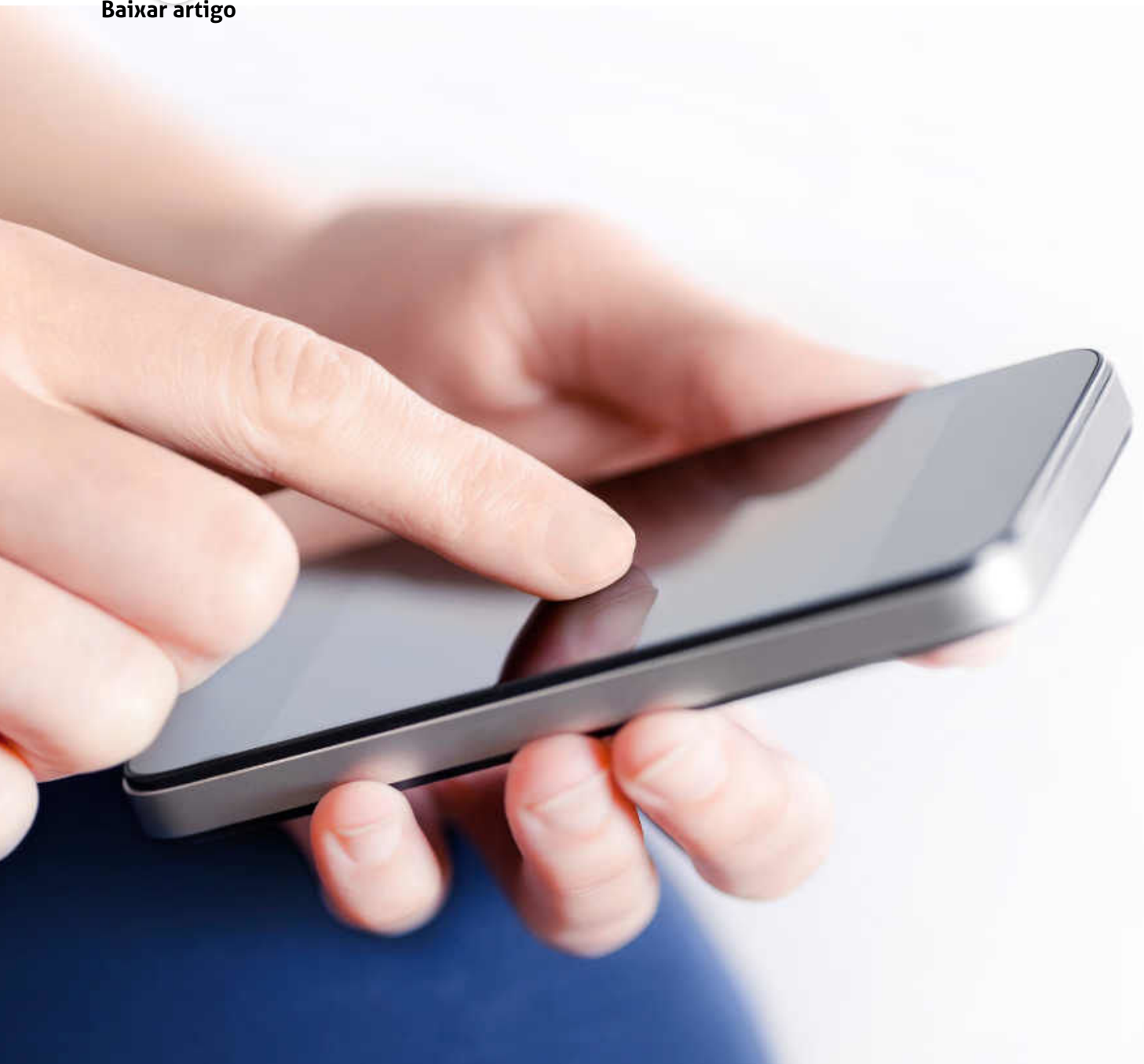


Um olhar psicanalítico sobre os laços afetivos na modernidade e a influência de aplicativos na construção de vínculos



Baixar artigo



Andreza Sehn Assis

deza656@hotmail.com

Psicóloga

Heid Helen Serra

heidhellen_16@hotmail.com

Psicóloga

Karoline Sampaio Goulart

karolgoulartbgs@hotmail.com

Psicóloga

Thais Hagge Corrêa

thaishagge.psicologia@gmail.com

Psicóloga

RESUMO

Com a finalidade de voltarmos o olhar e os estudos para a forma de se relacionar característica da atualidade - baseando-nos na teoria psicanalítica - e entendermos a influência que aplicativos para relacionamentos exercem sobre o desenvolvimento dos vínculos afetivos, realizamos uma pesquisa Qualitativa/Quantitativa, divulgando um questionário pela internet, para obtermos um número expressivo de repostas à cerca da opinião dos usuários sobre o mundo virtual, quando possibilita o conhecimento de novas pessoas. Entendemos que o uso de aplicativos é um meio de acesso que permite encontros e pode influenciar no modo veloz e frágil de se relacionar característico da atualidade. Através das pesquisas, identificamos que a busca e intenção de cada um é fator determinante para a construção de suas percepções de cada indivíduo que compõe o panorama social que constituímos.

Palavras-chave: Relacionamentos . Atualidade. Aplicativos . Tecnologia . Psicanálise

ABSTRACT

In order to focus our attention and our research on the way relationships work in actuality - based on psychoanalytic theory - and to understand how dating applications influence the development of affective bonds, we have decided to carry out a Qualitative / Quantitative research. A questionnaire was disseminated through the Internet to obtain the opinion of an expressive number of users regarding the virtual world, where it is possible to meet new people through dating apps. We understand that dating apps can influence the fast and fragile nature of relationships which is characteristic of current times. Through research, we have identified that one's search and intention are determining factors for constructing the perception of individuals who are part of our social panorama.

Keywords: Relationships . Actuality . Applications . Technology . Psychoanalysis

INTRODUÇÃO

Atualmente, a forma com que os relacionamentos se desenvolvem tem sido bastante discutida por diferentes razões e pessoas diversas, talvez pelo fato de trazer a representação de uma transformação de gerações. Neste artigo, pretendemos analisar, a partir da ótica psicanalítica, o quanto a utilização de aplicativos de relacionamentos pode ser influenciadora nas mudanças sucedidas. Pretendemos construir uma visão mais ampla e reflexiva sobre o desenvolvimento dos relacionamentos nos tempos atuais, analisar a influência dos aplicativos para relacionamentos na construção das relações afetivas e levantar os principais motivos que levam as pessoas a utilizar o mundo virtual para conhecer pessoas e se relacionar. Realizamos uma pesquisa Quali-Quantitativa, acreditando na importância do aprofundamento no tema, visto que o uso de inovações tecnológicas torna-se mais popular a cada dia.

A finalidade da pesquisa é que possamos entender a mudança nestas relações com uma linha teórica baseada na psicanálise e não analisarmos a tecnologia em si. Como já postulado por Freud (1921/2016), é de extrema importância que haja estudos sobre a afetividade e seus desdobramentos, acredita-se que na palavra "amor", com suas múltiplas acepções, a língua fez uma síntese perfeitamente justificada, e o melhor a se fazer é tomá-la como base para nossas discussões e exposições científicas.

OBJETIVO

O principal objetivo desta pesquisa é analisar a transformação das gerações e seus vínculos afetivos, através do olhar da psicanálise. Para que assim, possamos chegar a uma visão global dos fatores que contribuem com as mudanças na forma de se relacionar e buscar novos parceiros entre as pessoas.

MÉTODO

Optamos por uma pesquisa quantitativa como instrumento de campo, através de um questionário online composto por 25 questões de múltipla escolha. A elaboração das perguntas para o questionário visa investigar o perfil dos usuários de aplicativos de relacionamento. O questionário ficou cerca de quinze dias disponível e sua divulgação foi feita através do Facebook e em grupos dentro do aplicativo Whatsapp, sendo respondido por 160 pessoas.

Realizamos também uma pesquisa qualitativa, para que pudéssemos aprofundar na história das pessoas que utilizam aplicativos para relacionamentos. Selecionamos uma amostra de 4 participantes, sem distinção de gênero ou idade, que se dispuseram a contribuir com o nosso trabalho, tendo como base as principais variáveis apresentadas durante a avaliação da pesquisa quantitativa. Temos a análise de conteúdo referente à entrevista, elaborada por um roteiro de 12 questões, realizada com 2 mulheres e 2 homens, de idade entre 18 e 30 anos e diferentes orientações sexuais. As entrevistas foram individuais, em caráter de sigilo de informações e tiveram duração de 1 hora. Para identificar os participantes, criamos nomes fictícios, seguido da idade e do sexo, identificado por M para Masculino e F para feminino.

DISCUSSÃO

A Teoria do Apego, desenvolvida por John Bowlby, que afirma (1969/1990) a ideia de que manutenção de um laço é vivenciada como fonte de segurança, e sua renovação como fonte de alegria. Qualquer situação que possa colocar em risco o laço afetivo criado, provoca uma ação no sentido de preservá-lo. Ao longo do desenvolvimento sadio do indivíduo, o comportamento de apego tem como objetivo o desenvolvimento de laços afetivos, inicialmente gerados entre as crianças e seus progenitores e, posteriormente, entre adulto e adulto. (Bowlby, 1969/1990).

No contexto Psicanalítico, as questões ligadas ao surgimento do vínculo e suas influências, bem como ligações com as escolhas de um parceiro na fase adulta e sua visão sobre a sexualidade, é necessário que levemos em consideração o elemento básico e primordial, que embasa este caminho: O conhecido e polêmico Complexo de Édipo. Násio (2007) explica que o Édipo não é apenas uma "crise sexual de crescimento", a experiência vivida pela criança no conturbado período Edipiano, fica registrada no inconsciente e será responsável pela definição da identidade sexual daquele sujeito, assim como traços de personalidade e aptidão em administrar conflitos afetivos. O Édipo é ao mesmo tempo realidade, fantasia, conceito e mito. Para a psicanálise, primordialmente uma fantasia.

Inúmeras mudanças ocorreram no âmbito social, econômico, político, religioso e cultural dos indivíduos desde que a interação e convivência de uns com os outros passou a ser conhecida como sociedade. Surgiram estudos sobre determinados períodos da história, que popularmente denominamos por Eras, e que trazem consigo evoluções e contemplam a transição de uma à seguinte, possibilitando uma caracterização sobre os marcos de cada tempo.

Até o século XVIII, os indivíduos eram submetidos à uma ideia de moral rigorosa, regida pelo poder da igreja e da pátria, que colocava o homem como autoridade e chefia da família. Para a mulher, restava a aceitação de uma repressão, onde não havia o direito de uma carreira profissional, a liberdade de expressão e a responsabilidade em cuidar dos filhos e da casa. Os índices de divórcios eram baixos e as relações duravam, na maior parte das vezes, todo o tempo de vida dos parceiros.

Com a Revolução Industrial e as duas Guerras Mundiais, constantes transformações ocorreram na sociedade e no entendimento por família, relacionamentos, cultura e papéis sociais. A figura feminina foi adquirindo maior espaço no âmbito social, a ideia de amor eterno foi modificada, a satisfação dos desejos tornou-se mais importante. Hoje em dia os relacionamentos podem ser menos duradouros, com maior índice de divórcios e menor tolerância a conflitos, porém há maior liberdade, igualdade e muitas vezes maiores possibilidades de alcançarmos a satisfação dos desejos pessoais individuais. Para Lipovetsky (1993/2005), houve uma nova forma de controle dos comportamentos, uma diversificação incomparável dos modos de vida e vivenciamos uma nova fase da história do individualismo ocidental.

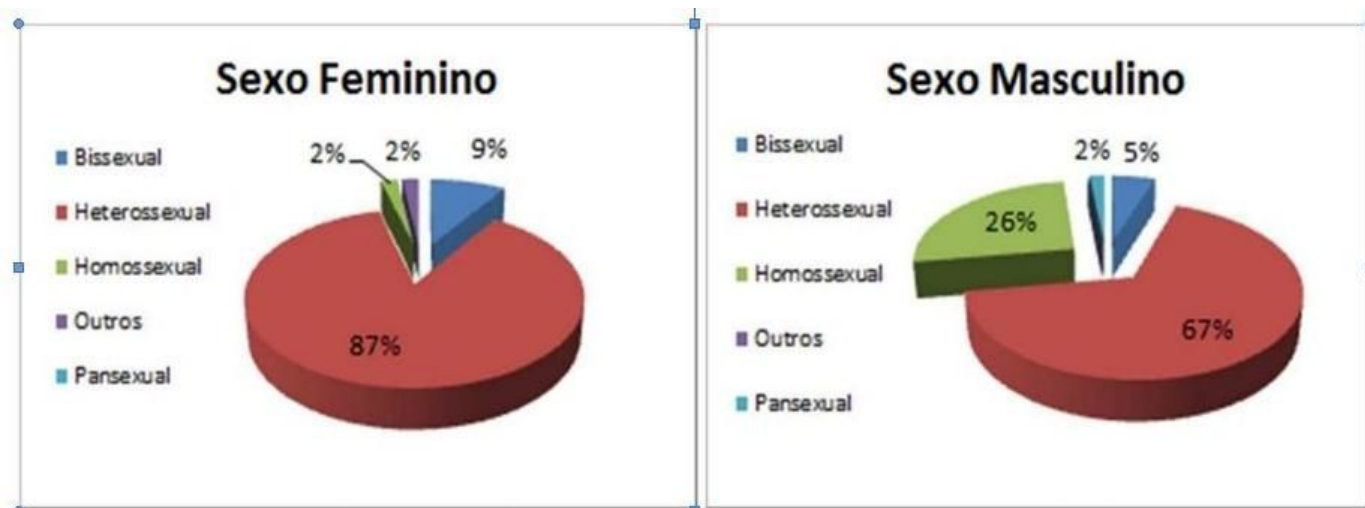
Conforme destacado por Bauman (1998), vivemos o tempo caracterizado pelas distâncias encurtadas, pelo imediatismo, pela instantaneidade, pela rapidez da informação e da satisfação dos desejos. As tecnologias do mundo pós-moderno têm cumprido muito bem com seu papel de proporcionar satisfação aos seus usuários. Estamos inseridos em uma cultura na qual a abreviação e aceleração dos relacionamentos tornaram-se comuns, produzindo indivíduos interessados em si mesmos e nas satisfações imediatas que podem tirar das relações.

Para Bauman (2004), é fácil entrar e sair dos "relacionamentos virtuais", pois parecem ser simples de usar e compreender. Quanto maior for o número de informações recebidas, maior a necessidade de existir a uma espécie de seleção entre as pessoas. O que hoje é atual, amanhã poderá ser considerado como ultrapassado, pois a mudança constante é a característica chave de nosso mundo. Para Lipovetsky (1983), o medo de se ver entregue a paixões incontroláveis e de ser decepcionado, caracteriza "a fuga diante do sentimento". Lasch (1979). A libertação sexual tem como objetivo erguer uma barreira contra as próprias emoções, possibilitando que as experiências afetivas sejam afastadas e vivenciadas com menor intensidade. (1983).

As relações são mais frágeis, partindo da ótica da força do vínculo estabelecido. Utiliza-se cada vez mais a tecnologia para otimizar a vida, e com isso temos a terceirização de relações humanas para as relações virtuais. O intermédio virtual por vezes torna os laços estabelecidos mais fracos, o compromisso com uma pessoa que "não conhecemos e/ou não convivemos pessoalmente" é menor, exige-se menos e é comum que as conversas ocorram com mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

Obtivemos 160 respostas no questionário. A diversidade de gênero possibilitou a análise imparcial das respostas. Com relação à escolaridade, a amostra da pesquisa resultou em pessoas que haviam concluído o ensino médio até ensino superior completo ou acima, com renda familiar variável entre 1 até mais de 10 salários mínimos. Constatamos que a utilização dos aplicativos de relacionamento é mais frequentemente adotada por adultos jovens, com idades entre 18 a 30 anos. Para Gasset (1930/2016), desde a época de sua publicação, trata-se de um fenômeno natural das transformações que a sociedade atravessa: a juventude é tida como dominante de toda situação. Os jovens em massa habitam com desenvoltura e liberdade para falar de seus movimentos e costumes.

Quando questionados quanto à orientação sexual, as respostas referem-se ao seguinte panorama:



Com relação ao estado civil, 89% dos questionados declarou-se solteiro, 7% casado ou em uma união estável, 2% divorciado e 2% assinalaram a resposta 'outros'. Dentre as 12 pessoas que afirmaram estar casadas ou em uma união estável, notamos que 9 ainda utilizam os aplicativos de relacionamento, mas alegaram que não pretendem mais utilizar a ferramenta e o motivo pelo qual ainda utilizam esse recurso é para fazer novas amizades, desenvolver um relacionamento casual ou relacionamentos unicamente sexuais.

Notamos que 42% das mulheres declararam usar os aplicativos de relacionamento para fazer novas amizades, enquanto apenas 19% dos homens compartilharam a mesma opinião. Ao contrário da maioria das mulheres, para 33% dos homens a utilização dos aplicativos serve para todos os fins, tais como: conhecer pessoas para novas amizades, iniciar relacionamentos casuais e eventuais ou para relacionamentos unicamente sexuais e até mesmo para iniciar um relacionamento sério. Somente 16% das mulheres compartilham da mesma opinião. O que nos leva a pensar que os homens percebem a utilização de forma mais ampla e diversificada, enquanto as mulheres possuem suas restrições individuais, conforme abordaremos adiante.

Ao investigarmos a ideia dos componentes da pesquisa quantitativa com relação ao objetivo dos demais usuários dos aplicativos, percebemos que para 79% dos participantes, as pessoas que utilizam estes aplicativos estão à procura de um relacionamento casual e eventual ou apenas para sexo. Tal percepção vai ao encontro com a maior parte dos entrevistados na pesquisa qualitativa, onde 3 dos 4 participantes acreditam que seja difícil conquistar um relacionamento sério através do mundo virtual. Ambos concordam que a maioria está lá para conhecer pessoas, sair, ter relações sexuais, ou por simples curiosidade, mas que são raros os casos que dão certo.

Em contrapartida, 59% da amostra referente à pesquisa quantitativa, ao ser questionada se acreditava que um relacionamento sério poderia acontecer através dos aplicativos, declarou acreditar que sim, já que essa ferramenta seria uma opção normal para se buscar parceiros de qualquer tipo. Encontramos aí uma contradição, o que nos faz pensar na hipótese de que ao responder o questionário, as pessoas não tiveram a oportunidade de ampliar suas respostas. Freud (1921/2016) cita que para Le Bon, na massa as construções próprias dos indivíduos se apagam e com isso a particularidade deixa de existir.

Somente 11% da amostra quantitativa acredita que as pessoas que utilizam esse tipo de aplicativo estão em busca de um relacionamento sério ou um namoro, assim como a minoria dos entrevistados (apenas uma participante) que possui a mesma opinião. Percebemos que há um sentido impactante quando Freud (1930/2016) postula que sob a pressão das probabilidades de sofrimento, os sujeitos costumam conter seus anseios à felicidade. Já que a satisfação absoluta de todas as necessidades seria a forma mais tentadora de viver, mas também significaria colocar o gozo à frente da cautela e do cuidado, originando o próprio castigo.

Quando questionados sobre a frequência que costumam utilizar os aplicativos, 50% dos participantes em geral, responderam que entram esporadicamente nos aplicativos, porém se cansam e acabam direcionando a atenção para outras coisas. Notamos que os aplicativos são muito utilizados para otimizar o tempo. Para Bauman (2004), quanto maior a quantidade de atenção humana e esforço de aprendizado forem aspirados pela variedade do mundo virtual, menos tempo haverá de dedicação à obtenção das desenvolturas do mundo não virtual.

Quando questionados sobre o futuro, a maioria das pessoas respondeu que não se imaginam utilizando os aplicativos de relacionamento para estabelecer encontros daqui a 10 anos, porque não conseguem se imaginar ainda precisando desse tipo de recurso para conhecer novas pessoas, ou porque, até lá, esperam ter encontrado aquilo que estão buscando. A maior parte das respostas aponta que esperam encontrar alguém para o futuro.

O resultado da pesquisa qualitativa nos mostra que o uso destes aplicativos, acaba gerando um relevante grau de expectativa nos usuários, conforme podemos observar nos discursos abaixo:

Agente sempre espera conhecer assim, uma pessoa pela internet, do nada. (Renata)

Meu objetivo é conhecer pessoas novas. E aí, quem sabe poder ter algum tipo de relacionamento. (Mariana, 24ª,F.)

Quando da meet é legal, uma sensação boa. Tipo: Ah, gostou de mim (...) dá uma sensação legal de talvez conhecer a pessoa (... como se fosse ficar com essa pessoa. (Rafael)

Estou solteiro (risos) vamos ver depois o resultado do aplicativo. (Leandro)

Tal expectativa é comum nessa era da liquidez, pois mesmo inseridos em uma cultura na qual a abreviação e aceleração dos relacionamentos tornaram-se normais, as pessoas procuram com quem relacionar-se e com quem possam contar. Frustração e expectativa parecem caminhar juntas nos diálogos dos participantes. Enquanto buscam conhecer pessoas com quem tenham interesses em comum, 3/4 cita ter se frustrado nos relacionamentos anteriores e essa frustração frequentemente se repete na experiência com os aplicativos e têm a ver com o que procuram no mundo virtual da afetividade. (Bauman, 2004)

Para os que se consideram mais extrovertidos, sociáveis e que saem com maior frequência, obtendo assim também mais oportunidades de conhecer pessoas através do "mundo real", a visão sobre aplicativos para relacionamento acaba sendo mais positiva e as experiências são descritas com maior naturalidade. Já para aqueles que se enxergam como mais introvertidos e não sociáveis, o uso dos aplicativos passa a ser uma possibilidade – por vezes a única – de conhecer pessoas, se relacionar, fazer amizades, ter com quem conversar e receber certo tipo de atenção. Consequentemente, sua a visão sobre os aplicativos é mais negativa e as experiências são descritas como frustrantes.

Quando questionadas sobre a vida amorosa e sexual no futuro, 42% das mulheres que responderam a pesquisa quantitativa respondeu que gostaria de estar casada dentro de uma relação monogâmica. Frente a esse mesmo questionamento, somente 36% do sexo masculino tem a mesma expectativa. Para outra parcela da pesquisa, composta por 24% do sexo feminino e 28% do sexo masculino, morar junto com o seu parceiro é aquilo que imaginam para o futuro, não sendo necessária a formalização do casamento. Ao comparar as duas pesquisas, observamos que, frente à forma de se relacionar e conhecer pessoas, confrontando o presente e o passado, o resultado de ambas expressou que a maioria acredita que a forma de se relacionar mudou e que isso ocorreu por conta da facilidade que a tecnologia fornece e da maior liberdade existente hoje, entre outras modificações que a sociedade sofreu com o tempo.

Quando a gente pensa no passado, estando agora nessa tecnologia toda, pensamos no quanto era difícil, é muito diferente. Hoje as pessoas estão mais disponíveis ...eu acho que antes as pessoas conseguiam se dedicar mais aos relacionamentos, era melhor que agora. As coisas estão muito fáceis de se conseguir. Antes a gente podia conversar com as pessoas, hoje não acontece mais de sentar e conversar, a gente tem preguiça. (Renata)

Eu acredito que era um pouco mais sério antes, as pessoas pensavam mais em namorar, ter uma relação séria juntos quando uma gostava da outra. Hoje em dia, acho que mesmo gostando da pessoa, a galera está mais desprendida. Não quer se preocupar em ter um compromisso. Hoje em dia está mais fácil de se relacionar. Antigamente o pensamento era muito quadrado, a pessoa tinha medo de fazer algumas coisas. Hoje em dia o pessoal faz o que tem vontade e não fica preso. (Rafael)

Hoje em dia a gente conhece uma pessoa e já fica com ela, já se envolve ali naquele momento e depois nunca mais vê . Antigamente era completamente diferente, tinha toda uma espera e envolvimento. Hoje, pelo menos se for ruim o negócio, a pessoa não for boa de papo, não for boa de cama e se o beijo não for bom, você já descobre rápido, mas isso acaba tornando as relações um pouco vazias. Porque antigamente você tinha vontade de realmente conhecer a pessoa, saber como ela é. Hoje em dia, não. As pessoas só querem saber de beijar, transar. É tudo uma coisa de um instante, um minuto. (Mariana)

Antes era mais difícil, por limitar os meios. Hoje a possibilidade é ampliada, posso selecionar pessoas. Acho que ficou mais fácil. Mas é limitador e determinista demais. (Leandro)

Freud (1930/2016) escreveu que boa parte de nossas misérias e infelicidades são decorrentes do que chamamos de civilização, seríamos mais felizes se a deixássemos de lado e voltássemos às condições primitivas, pois entende que tudo aquilo com que nos protegemos da ameaça do sofrer, é parte dessa civilização.

Ao serem questionados na pesquisa quantitativa, se recomendariam o uso de aplicativos de relacionamento para alguém que procura um relacionamento, 34% do sexo feminino e 40% do sexo masculino afirmaram que recomendariam, pois existem muitas possibilidades, sendo hoje a melhor forma de conhecer pessoas, e não usar esse instrumento é como ficar fora do mundo. Contudo, segundo 29% dos homens, os aplicativos de relacionamento só seriam recomendados para quem estivesse buscando relações casuais sem compromisso e caso quisessem algo mais sério, deveriam buscar outras formas. Nesse sentido, somente 23% das mulheres tem a mesma opinião dos homens. Para o público feminino, composto por 26% do total da amostra da pesquisa, não haveria recomendação dos aplicativos de relacionamento, pois entendem que devem ser encarados como o último recurso, por isso não recomendariam para alguém que estivessem buscando uma pessoa para se relacionar. Em contraponto, somente 10% dos homens compartilham da mesma opinião que as mulheres.

Encontramos uma contradição durante as entrevistas, onde ao conversarem com colegas que possivelmente quisessem iniciar a utilização dos aplicativos, todos os participantes incentivariam e diriam que vale a pena. Relataram que apoiariam seus amigos, porém seus discursos vieram sempre acompanhados de um “mas”. Cuidado e paciência foram as palavras que mais apareceram, no momento que pedimos para que aconselhassem estes interessados em fazer o download do aplicativo. Foi comum falarem que não sabem quem é a pessoa no outro lado do celular e quais suas intenções. Apontaram a dificuldade em encontrar alguém com uma conversa legal e a necessidade de ter paciência. Evitar encontros em lugares que não sejam públicos antes de criar uma intimidade com o possível parceiro também foram conselhos que surgiram em todas as respostas.

Quando perguntamos se as pessoas que estão nesses aplicativos são confiáveis 58% das mulheres declararam que sim, porém com receio, pois são poucas as pessoas em quem se pode confiar hoje em dia. 41% dos homens compartilham da mesma opinião. Da mesma forma, tal recomendação para as mulheres apareceu nas entrevistas, pois ao pensar em indicar o uso de aplicativos, 3 dos 4 entrevistados diriam para ter cuidado.

Quando questionados se já haviam se relacionado com uma pessoa que conheceram através do aplicativo por mais de 3 meses, 40% dos participantes do sexo masculino responderam que não, mas que gostariam de se relacionar. Enquanto somente 33% das mulheres teriam essa mesma expectativa. 31% dos homens declararam que já haviam se relacionado por mais de 3 meses com pessoas que haviam conhecido através dos aplicativos, e que tal experiência havia sido boa. Porém, somente 24% do público feminino declarou ter tido uma experiência boa. Alguns entrevistados trouxeram a questão de preconceito em conhecer alguém pela internet. Um participante relatou, inclusive, que uma garota que gostou, não quis continuar o relacionamento por terem se conhecido em aplicativo. Outra entrevistada nos disse que mesmo se relacionando há três meses com um rapaz que conheceu no aplicativo, não consegue contar para os pais.

Sobre o motivo pelo qual utilizam os aplicativos de relacionamento 53% respondeu que utilizam por acharem prático, rápido, moderno e por se tratar da opção mais disponível no momento. Já 24% prefere tentar virtualmente estabelecer o primeiro encontro e assim não perder tempo. Os aplicativos aparecem como facilitadores das relações. A rotina cheia e agitada propicia otimização do tempo, na Era em que vivemos, significa muito. Há a ideia de que se estão todos lá, a probabilidade de encontrar alguém é maior. Ao mesmo tempo que trazem essa inovação como facilitadora, contrapõem a dificuldade de achar alguém interessante a ponto de que a relação seja mais profunda.

Eu acho que é uma forma que facilita você conhecer um maior número de pessoas, ao mesmo tempo é um pouco superficial. Porque a maioria das pessoas está interessada em arrumar alguma coisa superficial, nem interessadas em fazer uma amizade mesmo e nem namorar. É um negócio meio estranho. Mas acho que é válido (Rafael)

Gera um questionamento: O que está acontecendo com as relações pessoais? Eu não sabia mexer, então quando baixei, dei like em todo mundo. É legal você conversar só com quem você curtiu e ao mesmo tempo curtiu você, mas na minha opinião, tem muita gente lá, de certa forma isso é negativo. Uma perda, as pessoas não se relacionam mais pessoalmente. (Renata)

Eu acho que os aplicativos ajudam muito, pois dão a oportunidade de conhecer pessoas, mas não vejo os aplicativos como uma forma e oportunidade de conhecer pessoas, de fato é muito superficial. (Leandro)

Podemos pensar que há aceitação de que o mundo é desta forma, um novo conceito de normalidade, que ultrapassa a individualidade. Mesmo não achando que seja o melhor, os indivíduos assumem essa posição considerando que esta é o modo como as coisas são e que as relações acontecem.

Os participantes concordam ao associar os aplicativos com a vaidade, superficialidade, exposição e uma propaganda de si mesmos. Pois são selecionados ou descartados, a partir de suas fotos e descrição de perfil. Freud (1930/2016) de certa maneira nos explica esse acontecimento quando nos diz que a felicidade na vida é buscada no gozo da beleza, onde quer que ela apareça aos nossos sentidos e julgamento. Justifica com o fato de que a beleza das formas, dos gestos humano, objetos naturais, paisagens, criações artísticas e científicas, são formas estéticas que não oferecem extrema proteção contra a ameaça de sofrer, mas que compensa uma série de coisas. Ele postula também, que a "beleza" e a "atração" são características do objeto sexual. O discurso é diferente entre os participantes solteiros e a participante que possui um relacionamento sério. A visão e percepção de cada um, sobre o que os outros buscam e apresentam no aplicativo, é tida através do que eles mesmos buscam. Vemos isso, quando Renata, que passou a namorar depois de seu primeiro encontro com uma pessoa do Tinder, acrescenta que não buscava aparência e status. Pelo contrário, quando via homens muito bonitos e com alto poder aquisitivo, descartava antes mesmo de conversar, pois sabia que não eram reais e que teriam muitas outras mulheres com o mesmo desejo. Já os participantes que estão solteiros, relatam ao contrário:

O conheci e ele era aquela pessoa que você conhece e rola empatia das ideias e da forma de falar. Mas você vê que não é bem parecida com a foto, enfim. Não rola. (Leandro)

Uma pessoa legal para encontrar no aplicativo, seria uma pessoa bonita, que tivesse os mesmos gostos que eu.

Os diálogos demonstram que existe uma esperança por relacionamentos, ainda que seguida de uma série de frustrações, fazendo com que digam não acreditar nesta possibilidade na maioria das vezes. Uma explicação para isto, é o fato de que a opinião e a visão de cada um sobre o uso deste meio para se relacionar são tidas a partir da experiência individual de cada um, e não apenas de uma análise geral. Presumimos que desta forma o indivíduo tente fazer parte de uma massa que aposta na utilização destes aplicativos, desconsiderando suas experiências que não foram bem-sucedidas.

Quando perguntamos aos participantes a forma que conheceram os aplicativos e o que os motivou a baixar, todas as respostas referiram-se aos amigos, que os incentivavam e aconselhavam, pois era um meio de conhecer novas pessoas.



As mulheres complementam, dizendo que tinham amigas que começaram um relacionamento sério desta forma. O que pode vir nos dizer, que inconscientemente, este era o real desejo delas. Todos apontam a busca por alguém que apresente características e ideais em comum, um parceiro com os mesmos gostos, visão política, hobbies e estilo de vida.

Ao falarem sobre a possibilidade de criar um aplicativo acham que o ideal seria uma ferramenta na qual pudessem alcançar maior seletividade, de acordo com o que há em comum com cada um deles. Mariana colocaria filtros, para que pudesse haver uma escolha do parceiro a partir do gosto musical, visão política, lugares que gostem de frequentar. Rafael filtraria por gostos, como pessoas que gostam de praia, pois se houvesse uma separação, seria mais fácil encontrar a pessoa certa. Leandro daria a oportunidade de que os usuários pudessem filtrar por esportes e grupos de acordo com as escolhas alimentares. Renata daria a oportunidade selecionar quem tem filhos, quem quer namorar, pessoas que fumam, etc. As pessoas estão buscando pares que sejam iguais a elas mesmas. Assim, os grupos ficariam cada vez mais restritos e menos diversificados. Novamente cairíamos na demanda que traza questão da liquidez, velocidade e descarte, onde os próprios sujeitos que apontam como fatores negativos, contribuem para que estas sejam características da pós-modernidade, tempo em que vivemos.

Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre exigências individuais e aquelas e aquelas do grupo, culturais; é um dos problemas que que concernem ao seu próprio destino, a questão de se este equilíbrio é alcançável mediante uma determinada configuração cultural ou se o conflito é insolúvel. (Freud, 1930/2016, p.58)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos a Era onde é a ambivalência que predomina nosso tempo, ela está presente até mesmo no discurso dos indivíduos, visto que consideram os relacionamentos mais superficiais, frágeis e menos duradouros; mas reconhecem que a liberdade de escolha, as facilidades adquiridas e o direito de expressão são essenciais para que haja satisfação e um possível ideal de felicidade. Os aplicativos representam possibilidades, em meio a tantos acessos que temos hoje em dia.

Almejamos exposição em busca de reconhecimento e popularidade, mas em contrapartida, acabamos "presos" a uma "virtualização" que nos obriga a nos escondermos por trás das redes. Tudo é mais fácil e proporcionalmente tão rápido; A velocidade dos acontecimentos atropela a necessidade de vivenciarmos certas angústias; intensidade contrapõe durabilidade. Digital substituiu o olhar. Vivemos de excessos para que possamos evitar as nossas faltas; condenamos o passado e tememos o futuro. Por fim, o tocante está especificamente ligado ao que se dispõe e busca cada um em sua singularidade.

Em tempo, as histórias e experiências únicas de cada pessoa, podem determinar seus caminhos, percepções e até mesmo a função que aplicativos para relacionamentos pode ter.

A que ponto as coisas estão diferentes? Será que a angústia, presente em grande parte dos componentes de nosso tempo, já não existia no passado, porém caracterizada de forma diferente e talvez até mais reprimida? Gostaríamos de finalizar com o questionamento feito por Silva (2005) em sua apresentação sobre a obra *A Era do Vazio* de Lipovetsky (1993), que traduz de forma bastante real a reflexão que pretendemos gerar ao leitor que até aqui nos acompanhou:

Estamos no vazio ou no excesso? Vivemos um tempo extremo ou num novo e instável equilíbrio? Caminhamos no fio da navalha e cortamos os nós que nos prendiam a um passado cheio de correntes e de moralismo? Entramos numa fase de descabro ético ou, finalmente, estamos pondo os valores a serviços dos homens e não os homens a serviço de uma moral da submissão? Atravessamos a fronteira do bem e do mal e ingressamos num deserto de certezas ou descobrimos que nossas verdades universais eram valores locais universalizados? (Silva, 2005, p. 9)

REFERÊNCIAS

- Bauman, Z. (2000/2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2007). *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Bezerra, P. V., & Justo, J. S. (2010). Relacionamentos amorosos na pós-modernidade: análise das consultas apresentadas em sites de relacionamento amoroso. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 4, n. 2, p. 193-204.
- Borges, C. C., Magalhães, A. S., & Carneiro, T. (2014). Liberdade e desejo de constituir família: percepções de jovens adultos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(3), 89-103.
- Bowlby, J. (1969-1990). *Apego e Perda: a natureza do vínculo* (v.1). 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Castells, M. (1999). *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- Cruz, R., & Silveira, J. (2012). Redes Sociais Virtuais de Informação sobre Amor. In CID: Revista de Ciência da Informação e Documentação, 3(1), 146- 167.
- Freud, S. (1914-2010). *Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Cia das Letras.
- Freud, S. (1921-2014) *Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos*. São Paulo: Editora Cia das Letras
- Freud, S. (1930-2010). *O Mal-Estar na Civilização: Novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos*. São Paulo: Editora Cia das Letras.
- Gasset, José (1930-2016). *A Rebelião das Massas*. Editora Vide Editorial
- Hintz, H, (2001). *Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. Pensando famílias*. Eletrônica, 3, 8-20. Porto Alegre.
- Kumar, K. (1997). *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lipovetsky, G (1983-2005). *A era do vazio: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Brasil: Manole.
- Miranda, C. E. S., & Ramos, J. D. S. (2012). *A fragilidade dos relacionamentos conjugais na contemporaneidade*. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais.
- Nasio, J. D. (2005/2007). *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Schmitt, S., & Imbelloni, M. (2011). *Relações amorosas na sociedade contemporânea*. Psicologia PT.
- Sousa, S. G., Moreira, V. R. P., & Riverson, R. I. O. S. (2016). *A liquidez da sociedade pós-moderna: uma análise das relações sob a perspectiva do Tinder*. São Paulo.
- Smeha, L. N., & Oliveira, M. V. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Psicologia: teoria e prática*, 15(2), 33-45. Recuperado em 18 de setembro de 2016, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000200003&lng=pt&tlng=pt
- Zimerman, D. E. (2010). Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas. Porto Alegre: Artmed.